

A poesia nas histórias da literatura goesa de língua portuguesa*

Poetry in the Histories of Goan Literature in Portuguese

HÉLDER GARMES

Universidade de São Paulo



Resumo: A ex-colônia portuguesa de Goa, na Índia, teve uma significativa e hoje pouco conhecida produção poética em língua portuguesa. Ainda que parcamente estudada, mereceu a atenção de alguns historiadores e críticos. O presente artigo realiza um percurso por esses textos históricos e críticos que procuraram traçar um panorama da poesia goesa de língua portuguesa. Pretende-se reunir neste trabalho as poucas tentativas de se narrar essa história e, assim, sistematizar a historiografia acerca dessa poesia e chegar a delinear um panteão mais preciso desses poetas nos séculos XIX e XX. Busca-se também avaliar sumariamente até que ponto tais tentativas foram bem-sucedidas e que diferentes perspectivas assumiram. Finalmente, nosso intuito é o de sugerir uma nova abordagem para a reescritura dessa história.

Palavras-chave: Poesia; Literatura Goesa de Língua Portuguesa; Literatura Indo-Portuguesa; História da Literatura.

Abstract: Goa, the former Portuguese colony in India, had a relevant but little known poetical production in the Portuguese language. Still, though little studied, it has received some attention from historians and critics. In this context, this article aims at tracing the itinerary of these historical and critical texts that bring a panorama of Goan poetry in Portuguese. This paper also analyzes the very few attempts made so far at narrating this poetical history and, consequently, also has as its objective to contribute to the systematization of the historiography on Goan poetry in Portuguese and the creation of a more accurate pantheon of these poets during 19th and 20th Centuries. It is also the aim of this work to briefly appraise to what an extent these attempts have been successful as well as the varied perspectives from which they have been made. Finally, our intention is to suggest a new approach for the rewriting of this literary history.

Keywords: Poetry; Goan Literature in Portuguese; Indo-Portuguese Literature; History of Literature.

Este artigo procura fazer um primeiro levantamento exaustivo dos poetas goeses de língua portuguesa e apresenta um exemplo bastante sucinto da especificidade dessa literatura, quando pensada no contexto social e literário de Goa. Apesar de praticamente desconhecida no mundo literário de língua portuguesa, a literatura produzida em Goa, antiga colônia de Portugal da Índia, já foi contemplada com algumas tentativas de sistematização.

De 1510 a 1961, Goa esteve sob domínio português, o que gerou uma grande massa discursiva por parte de viajantes, missionários e colonizadores portugueses e de outras nacionalidades, sobretudo no âmbito da história, cuja produção é bastante conhecida, analisada e difundida,

sendo mesmo imprescindível para a compreensão da expansão europeia na Ásia no século XVI. No âmbito da literatura, no entanto, isso não se deu do mesmo modo, já que nesse caso se tratou, em sua grande maioria, de goeses escrevendo para goeses, envolvendo interesses locais e nem sempre de interesse do colonizador

Ainda que a imprensa tenha tido lugar em Goa já no século XVI e que muitas publicações até o século XVIII tenham grande significado para a história da literatura goesa de língua portuguesa, é somente no século XIX que se constitui uma dinâmica mais próxima daquilo que hoje costumamos designar de meio literário, promovido pela publicação de periódicos, o que demandou o desenvolvimento de meios de comunicação e a ação de

* Trabalho elaborado no âmbito do Projeto Temático Pensando Goa (Fapesp, Proc. 2014/15657-8) e da bolsa Produtividade de Pesquisa do CNPq.



escritores e leitores, fenômeno que também ocorrera no Brasil, mais precocemente, e em outras ex-colônias portuguesas, mais tardiamente.

É oportuno observar que o português foi falado e, sobretudo, escrito em Goa sempre por uma elite muito restrita. Ali jamais se deu o fenômeno que ocorreu no Brasil, onde o português se alastrou pelos quatro cantos. Goa, nesse aspecto muito semelhante a Macau (onde se falava sobretudo cantonês), sempre foi dominada por línguas locais (concani e marata, principalmente), sendo o português francamente minoritário. Ainda assim, constituiu-se ali um grande arquivo em língua portuguesa durante os quatro séculos e meio que a região esteve sob domínio lusitano.

Como veremos neste artigo, alguns intelectuais goeses, como J. C. Barreto de Miranda, Vicente de Bragança Cunha, Filinto Cristo Dias, Vimala Devi, Aleixo Manuel da Costa e Eufemiano de Jesus Miranda, até onde temos conhecimento, já tentaram sistematizar historicamente essa produção. Em parceria com estes ou de forma independente, outros historiadores da literatura, como os portugueses Manuel de Seabra e Joana Passos, se dedicaram a apresentar uma leitura historicamente contextualizada desses textos, como também fez o autor deste artigo. A goesa de nacionalidade portuguesa Sandra Lobo e a indiana Rochelle Pinto, entre vários outros intelectuais, também trataram em algum nível essa produção literária, mas não tendo em foco a literatura.

No percurso que faremos em meio às sistematizações da produção literária de Goa, teremos em vista somente a produção poética, na busca de identificar a extensão do *corpus* até aqui levantado e, assim, vislumbrar a possibilidade de ampliá-lo e futuramente analisá-lo de forma mais detida.

O primeiro texto a realizar um apanhado da produção literária goesa de língua portuguesa é de autoria de J. C. Barreto Miranda, que já em 1864 publica o artigo “Duas Palavras sobre o Progresso Litterario em Gôa” na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*. Seu texto trata da produção goesa desde o século XVI, chegando até a imprensa periódica do século XIX. Não se atém especificamente à poesia, privilegiando a produção religiosa, historiográfica e política, ainda que mencione o poeta Manuel Joaquim da Costa Campos e Júlio Gonçalves, criador do periódico *A Ilustração Goana* (1864-1866), que muito contribuiu para a afirmação daquela literatura.

O primeiro livro que abordou a literatura goesa de língua portuguesa, intitulado *Literatura indo-portuguesa – figuras e factos* (1926), de Vicente de Bragança Cunha, não menciona explicitamente a tradição de poetas em Goa, pois aqui a literatura é tomada *lato sensu*, dedicando-se o autor a tratar de escritores portugueses que estiveram em

Goa, da imprensa goesa, de sua historiografia, do padroado português, entre outros temas. É um texto relativamente curto para se constituir numa história literária, mas que tem o mérito de ser a primeira visão panorâmica, ainda que bastante lacunar, sobre a produção intelectual goesa dos séculos XIX e XX. Também demonstra que tais iniciativas antecederam a política salazarista para Goa, que promoveu o culto à identidade lusitana dos goeses e, conseqüentemente, a busca de forjar uma identidade literária indo-portuguesa.

O primeiro estudo de fôlego especificamente sobre a história literária de Goa é de autoria de Filinto Cristo Dias, intitulado, *Esboço da história da literatura indo-portuguesa*, publicado em 1963, já após a libertação de Goa do jugo colonial, mas muito provavelmente produzido sob a motivação do colonialismo salazarista, ainda que não tenhamos notícia da publicação ter qualquer patrocínio mais explícito daquela ditadura.

No que concerne à poesia, relaciona os poetas oitocentistas Tomás Mourão Garcez Palha, Fernando Leal e Floriano Barreto; da passagem do século XIX para o XX, Cristovão Aires, Mariano Gracias, Manuel Salvador Sanches Fernandes, Paulino Dias e Nascimento Mendonça; do século XX, Hipólito Meneses Rodrigues e Júlio Francisco Adeodato Barreto. Menciona ainda o português Alberto Osório de Castro, amigo de Camilo Pessanha, que viveu em Goa por cerca de uma década, como um poeta que mereceria entrar nessa galeria. Como poetas de menor importância, em sua opinião, apenas menciona: José Joaquim Fragoso, Manuel Joaquim da Costa Campos, Roque Bernardo Barreto Miranda, João Filipe da Piedade Soares, Joaquim de Araújo Mascarenhas e Adolfo Costa.

O segundo estudo de fôlego e talvez o mais detido são os dois volumes de *A literatura indo-portuguesa*, de 1971, de Vimala Devi e Manuel de Seabra,¹ que, no que se refere à poesia, ocupa-se sobretudo do século XX. Publicada pela Junta de Investigações do Ultramar, a obra foi evidentemente patrocinada pelo já decadente estado salazarista e a abordagem lusotropicalista da cultura goesa não deixa dúvidas em relação a isso. É, apesar desse aspecto pouco meritório, a publicação que mais detidamente contribuiu para delinear o mapa dessa literatura e mesmo difundir sua existência a partir de um volume que reproduz textos coletados pelos autores – o que deu ao leitor materialidade àquela produção. Vale lembrar que o caráter dessa literatura guarda forte

¹ Manuel de Seabra ainda organiza o volume *Goa, Damão e Diu* (1962), dentro da coleção *Antologia da Terra Portuguesa*, apresentando vários poemas goeses e extratos de outros gêneros literários dessa literatura, ao lado de autores portugueses que falaram de Goa, mas sem qualquer novidade em relação a *A literatura indo-portuguesa* no que diz respeito à poesia.

vínculo com o colonialismo português, como não poderia ser diferente, mas se encontra repleto de contradições, que trazem para o centro desse cenário obras muito instigantes, intrigantes e complexas, cuja qualidade ainda precisa ser devidamente avaliada.

No que concerne à poesia, começam seu estudo com Leopoldo Francisco da Costa, único poeta oitocentista de que tratam mais detidamente. Passam por Roque Bernardo Barreto Miranda, Joaquim Vitorino Barreto Miranda, José Francisco Barreto Miranda, Pedro Antônio Sousa, Adolfo Costa, Floriano Pinto, Sostenes Cotta, o importante poeta Paulino Dias, a quem dão especial destaque, Nascimento Mendonça, que também recebe tratamento mais atento, Manuel Salvador Sanches Fernandes, José Joaquim Fragoso, Mariano Gracias, o paradigmático Adeodato Barreto, Mário da Silva Coelho (irmão do contista José da Silva Coelho), Judit Beatriz de Sousa, a própria Vimala Devi, Mario do Carmo Vaz, Lino Abreu, Hipólito de Meneses Rodrigues e seu irmão Alberto de Meneses Rodrigues, Carmo Vaz, R. V. Pandit e Laxmanrao Sardesai, que também merecem atenção especial dos dois autores. Ao final do texto, são mencionadas brevemente as obras de diversos poetas, quase todos nascidos na primeira metade do século XX, sem que sejam comentadas.

Os trabalhos de Filinto Cristo Dias e de Vimala Devi e Manuel de Seabra são fundamentais para aqueles que queiram estudar a literatura goesa de língua portuguesa e, juntos, apresentam ou apenas mencionam, ao todo, 61 poetas.

Em meu trabalho de doutorado (Garnes, 1999), tratei do estabelecimento da imprensa e dos meios literários nas colônias portuguesas, identificando mais seis poetas: Leandro Xavier Pereira, Cristovão Pinto, Joaquim Felipe Nery Soares Rebelo, José Joaquim de Carvalho, Júlio Gonçalves e Luís José de Sousa e Brito.

A recente obra de Eufemiano de Jesus Miranda, *Oriente e Ocidente na literatura goesa: realidade, ficção, história e imaginação* (2012), também é uma espécie de história da literatura de Goa de língua portuguesa, pois trata da identidade goesa de matriz cristã e da história, ali, da língua portuguesa. Realiza um percurso bastante peculiar em meio a essa literatura, tratando sobretudo dos romances, como *Os brahmanes* (1866), de Francisco Luís Gomes, *Jacó e Dulce – cenas da vida indiana* (1896), de Francisco João da Costa, *O signo da ira* (1961), de Orlando da Costa, *Bodki* (1962), de Agostinho Fernandes, e de diversos poetas, com abordagens temáticas, como as da Índia-Mãe e a da bailadeira.² No que diz respeito à poesia, analisa poemas de Mariano Gracias, Nascimento Mendonça, Paulino Dias, Adeodato Barreto, entre outros, sem ampliar o rol de poetas já existente.

Já o trabalho de Joana Passos, *Literatura goesa em português nos séculos XIX e XX – perspectivas pós-coloniais e revisão crítica* (2012), privilegia uma abordagem que mescla recortes diversos, por autor, gênero, período literário e temas, analisados sempre a partir de uma perspectiva crítica em relação ao colonialismo português. Trata dos poetas Cristovão Aires, Mariano Gracias, Floriano Barreto, Nascimento Mendonça, Paulino Dias, Vimala Devi, entre outros. Como novidade, apresenta o poema “Zaiu”, versando sobre o clássico tema da bailadeira, cuja autoria é de Alberto de Spínola, engenheiro de profissão e autor do livro de poemas *Lufadas 1902-1908* (1908), não mencionado nas obras anteriores aqui citadas.

Todavia, certamente é o *Dicionário de Literatura Goesa* (1997), de Aleixo Manuel da Costa, que mais pode oferecer dados sobre poetas ainda não arrolados nos supracitados estudos. Neste, pudemos identificar mais 20 autores³ goeses que publicaram poesia em língua portuguesa. Portanto, até o momento, salvo engano, temos 86 nomes formando o panteão de poetas goeses de língua portuguesa.

Ainda nesse escopo, além de poetas, poderíamos integrar a crítica literária goesa sobre as obras poéticas, cujo levantamento ainda não pudemos realizar, mas que pode ser atestada, por exemplo, pelos textos de Carmo da Silva sobre Nascimento Mendonça, ou o de Caetano Francisco da Costa sobre Mariano Gracias, entre muitos outros, referidos por Aleixo Manuel da Costa (1997, v. 4: 28, 143). Além destes, podemos mencionar Vicente João Janin Rangel, Lusitano Rodrigues, I. D. Sequeira, Maria da Paz Cabrita de Melo Santos e Valeriano Faleiro, que fizeram recolhas e traduziram mandós⁴ do concani para

² As bailadeiras formam uma casta e eram mulheres que dançam nos templos e geralmente mantinham relações com alguns dos sacerdotes ou homens importantes da comunidade. Seu estatuto se assemelha ao das geichas japonesas.

³ Lista de autores citados por Aleixo Manuel da Costa para além daqueles mencionados nos trabalhos citados anteriormente neste texto: Accácio Gabriel Viegas; Adolfo Sinalva da Costa; Antônio José de Gouveia e Noronha; Antônio; Maria Bittencourt Rodrigues; Cândida Vaz de Aires de Magalhães; Carlos Eugênio Ferreira; Cipriano da Cunha Gomes; Cosme Januário Lobo; Domingos José Soares Rebelo; Felício de Saldanha; Fernanda de Castro; J. C. Francis; Jesus Heráclito Gomes; Jorge Romualdo Sousa; José Francisco Vás; Joaquim Pegado Cardoso; Mário Ventura Pereira; Mateus de Lacerda; Miguel; Vicente de Abreu; Telo Mascarenhas.

⁴ O mandó é um gênero de canção típico de Goa, surgido em meio aos cristãos goeses e composto em concani. Sua execução geralmente ocorre em festas como casamentos, aniversários ou em outras comemorações, sendo muitas vezes compostos especialmente para essas ocasiões. O tema predominante do mandó é o amor, mas existem mandós com grande diversidade temática. Hoje em dia, há em Goa festivais de mandós, com a participação de muitos grupos musicais e com grande audiência de público. Os instrumentos que acompanham a canção são o violão, o violino e um tambor chamado *gumot*, sendo geralmente contado por duplas de homens e mulheres. Para mais informações sobre o mandó, consultar *O mandó: caracterização de uma forma musical goesa no seu contexto sociocultural e musical*, de Susana Bela Soares Sardo (1990).

o português, assim como Horácio Lobo, que traduziu o primeiro canto de *Os Lusíadas* para o concani. É possível, portanto, reunir nesse cenário poético de Goa escritores, críticos e tradutores. Vale destacar o papel desses últimos que promoveram a conexão entre distintas literaturas goesas, uma vez que, além do português, ali se produziu literatura em concani, marata e inglês, entre outras. Mesmo que não seja simples lidar adequadamente com todas essas tradições, parece-nos fundamental ter esse fato sempre no horizonte. Apenas a título de exemplo, lembremo-nos de Xamá Crisnadás, que, segundo Aleixo Manuel da Costa, “compôs, no ano de 1526, o seu poema em língua marata sobre a vida de Crixna, baseado no purana sânscrito Bhagavata [...] [que] se encontra na Biblioteca Pública de Évora”, ou de Eduardo J. Bruno de Sousa, que compôs um longo poema em concani intitulado *Ev Ani Mori*, ou ainda o incontornável romance *Sorrowing lies my land*, de Lambert Mascarenhas.⁵ A relação intertextual entre essas línguas faz da realidade goesa um espaço complexo de relações literárias, no qual a literatura de língua portuguesa cumpriu, em nosso entendimento, um importante papel.

Certamente, numa pesquisa mais acurada, chegaremos facilmente a uma centena de escritores goeses que em algum momento de suas vidas se dedicaram à poesia em língua portuguesa. Isso não significa que temos uma centena de poetas de fato, já que muitos deles fizeram apenas incursões rápidas e ocasionais pelo gênero, sem elaborar uma obra que justificasse o estudo aprofundado da perspectiva literária.

No entanto, o conhecimento dessa centena de goeses que se dedicaram à poesia permitirá que leiamos de forma muito mais adequada aqueles poucos que produziram uma obra consistente. A linguagem, as abordagens e os temas tratados por essa centena de poetas constituem o solo sobre o qual devemos pensar a obra de um Mariano Gracias, de um Paulino Dias, de um Adeodato Barreto, de uma Vimala Devi.

Além disso, faz-se necessário tratar dessa poesia a partir do vínculo que possuiu com o meio intelectual goês, atribuindo-lhe ali seu sentido e valor. Hoje, ainda é difícil realizar essa tarefa, já que a história cultural de Goa nos séculos XIX e XX foi pouco explorada na perspectiva de sua relação com a literatura de língua portuguesa. Todavia, podemos tomar como exemplo o bem-sucedido de Sandra Lobo, intitulado *O desassossego goês: cultura e política em Goa do liberalismo ao acto colonial* (2013, p. 104),

que aborda, entre outros aspectos culturais, os grêmios literários que surgiram em várias localidades de Goa. Reconstituir o mais possível a história de tais grêmios pode nos revelar a sempre incipiente mas persistente relação entre autor, público e meios de produção, que diversas vezes ultrapassava a falta de recursos propiciados por um mercado editorial solidamente constituído.

O periódico *Tirocínio Literário*, que existiu de 1860 a 1863, por exemplo, teve seus primeiros doze exemplares publicados de forma manuscrita e circularam somente no bairro de Ribandar, cada qual com oito páginas de papel almaço, em duas colunas, como nos conta António Ismael Gracias (1880: 106). Passou posteriormente a ser quinzenal e impresso, pela Imprensa Nacional, com colaboração de poetas aqui já referidos, como Joaquim Mourão Garcez Palha e Manuel Joaquim da Costa Campos, entre outros. Publicavam muita matéria original, sendo a primeira iniciativa coletiva a estampar textos de ficção e poemas de autores goeses, pois a supracitada *Ilustração Goana*, a mais famosa publicação literária do século XIX daquela comunidade, surge somente em 1864, em cujas páginas passam a colaborar os criadores do *Tirocínio*.

Em relato de caráter pessoal, em nota de rodapé, observa Sandra Lobo:

Já nos anos [19]30, os meios então existentes permitiram que a geração do meu pai, Jorge Ataíde Lobo, publicasse, para circulação restrita, diversas revistas, das quais encontrei alguns exemplares no seu espólio, as quais se encontram na fronteira do manuscrito e do impresso, com textos dactilografados, títulos manuscritos, imagens umas impressas e outras coladas, etc. Alguns dos colaboradores destes projectos continuaram, com outras condições, a publicar revistas e páginas juvenis na imprensa diária. No círculo familiar, irmãos e irmãs, alimentavam revistas manuscritas usando diversos pseudónimos com o apelido Lopes, uma graça em torno do pseudónimo Alito Lopes usado pelo pai, António de Ataíde Lobo. Das memórias transmitidas pelo meu pai, as tertúlias familiares, favorecidas por uma vivência em aldeias com poucos meios de diversão, e que se estendiam a sessões teatrais, musicais, literárias e oratórias, eram alimentadas pelos pais com objectivos precisos, nos quais pesavam o perfeito domínio da língua portuguesa e a preparação para a intervenção na esfera pública goesa dentro das apetências individuais. Introduzo esta nota pessoal por poder constituir um indicador de estratégias de gestão do património intelectual destas famílias (LOBO, 2013, p. 99, nota 250).

Portanto, para além da imprensa dita profissional, havia em Goa um cultivo muito peculiar da língua portuguesa que dificilmente encontraremos em outras colônias. Essa busca do domínio da língua portuguesa com fins profissionais e eventualmente políticos estimulava o

⁵ Além destes, Aleixo Manuel da Costa relaciona também vários autores que escrevem em concani, marata e inglês. Dentre os que compõem em inglês ou traduzem mandós do concani para o inglês estão: Pedro Mariano F. Costa Bir, Armando Menezes, Manuel Caetano Rodrigues, Mons. Manuel Francisco Xavier de Sá, Innocent Sousa, Micael Martins, António Mascarenhas, Dominic Francis Moraes, Lúcio Rodrigues, entre outros.

debate letrado no seio familiar, o que seria um combustível muito poderoso para a produção literária, já que, sem um caráter institucional, a dimensão lúdica dessa prática certamente inspirava muitos de seus agentes a enveredar pelo campo da literatura. Ainda que de caráter amador, tais práticas podem ter formado o substrato necessário para o surgimento de um autor do porte de Francisco João da Costa, de Epitácio Pais, de Maria Elsa da Rocha, para citar apenas três iminentes prosadores.

Além dessa produção mais comezinha e daquela mais literária e especializada, aqui exemplificada nos títulos de *Tirocinio* e da *Ilustração Goana*, havia ainda uma imprensa noticiosa, voltada para a política e economia, que também abria espaço para a literatura. Essa imprensa percorreu os séculos XIX e XX publicando sistematicamente poemas, contos, romances em forma de folhetins, crônicas, entre outros gêneros literários, formando um imenso corpo textual que ainda precisa ser investigado.

Enquanto isso não é devidamente realizado, podemos tomar como exemplo da produção poética do século XIX em Goa o seguinte poema, aqui transcrito literalmente com a grafia do século XIX:

Os desejos de um bebado

Se Jove um dia viesse
a fallar co' o pobre velho
e depois'inda quizesse
escutar o meu conselho,
eu assim lhe-fallaria,
e melhor elle o-faria.

“Olha tu, meu grande Deus,
tudo o que por ti foi feito,
tanto aqui como nos céus,
reconheço que é perfeito...
Mas – perdão – foi só no vinho,
que peccaste por mesquinho!

Ora vês – déste ao glotão
Iguarias a fartar;
Ao avaro, em profusão
Ouro e prata de abysmar;
e até a môças galantes
deste mocetões chibantes.

E assim, tu, ó divindade,
a todos satisfizeste;
porem, dize, por piedade,
dize, ao bêbado o que déste? –
Ouve, pois o meu conselho,
que é conselho de hómem velho:

Faze, ó Deus, que o grande Oceano
seja de pura *Champanha*,
não d'essa de coar-se a panno,
como se-bebe na Hespanha,
mas que tenha a côr do sol,
ou a d'ouro no crisol.

Tambem faze o mar Inteino
de *Cerveja* sup'rior,
e que quando chegue o inverno,
chova *Brandy* do melhor,
fazendo o mar do Japão
de *Licor de coração*.

Quero as costas tormentosas
do rico Coromandel
vêr por ondas espumosas,
batidas de *Moscatel*,
e vêr 'nestas *Lavradio*
desde Cochim até Dio.

Essas cascatas famosas
que ahi andam espalhadas,
que nos dêm *Licôr de rosas*,
inda em botão apanhadas;
e que as aguas do mar Morto
se tranform'em vinho *Porto*.

Nosso Tejo tão formoso
que inda a Hespanha beijar vae,
tenha o vinho mais mimoso,
seja todo de *Tokai*,
deste vinho que é capaz
fazer de um velho rapaz.

Faze o golfo de Gasconha
e outros tantos que nos déste,
abundando de *Borgonha*,
e assim os lagos que fizeste;
e por toda a Cafreria
repuchos de *Malvazia*.

Tambem faze a cada milha
uma fonte de *Xerez*
tão querido da Sevilha
e do nosso amigo Inglez;
e lá na velha Moscow
um aqueduto de *Bordeaux*.

Quero mais em cada poço
a mais limpida *Madeira*,
e em casas todas de almoço
d'esse vinho uma torneira.
Oh! Deus! que satisfação
para uma alma de Christão!

Fica assim tudo feliz;
mas para prova do amor
que tributo ao meu paiz,
também peço com fervor
que o formoso Mandovi
seja todo de *Feni*.

E em segredo, depois disto
vou pedir-te outro favor –
d'esse vinho nunca visto
que tu bebes, meu Senhor,
dá-me cá ás escondidas
quatro pipas escolhidas.”

(Anônimo, publicado no *Tirocinio Litterario*, 1862, abr., n. 11, p. 86-87).

Negociando com Deus, como se negocia com um santo ou mesmo com uma divindade hindu, o eu poético trabalha sobretudo com referências europeias, mas também se reporta à costa oeste indiana, demarcada pela ex-possessão portuguesa de Cochim e a então também colônia de Diu. Ao final introduz o seu “país”, isto é, Goa, na metonímia do rio Mandovi, em cuja foz está a capital Pangim, e do fenin, bebida alcoólica destilada, feita a partir do caju e consumida geralmente pelas populações goesas mais pobres, mas não só por essas.

É um poema satírico, que demonstra o emprego adequado da redondilha maior e de rimas cruzadas e emparelhadas, tudo ao modo romântico, isto é, elaborado sem o rigor neoclássico.

Publicado anonimamente no *Tirocínio Literário*, o poema aborda um tema bastante goês: o consumo de bebida alcoólica, que não é comum entre os hindus ou muçulmanos, funcionando como uma marca, aqui um tanto irreverente, de cristandade. Assim, o sentido que esse poema adquire em Goa é muito distinto de uma sua possível versão brasileira ou de uma outra qualquer nas diversas colônias portuguesas naquela altura, pois perderia essa ousada marca distintiva de cristandade.

Esse apreço que aí aparece às coisas da terra, na menção ao rio Mandovi e ao fenin, e a declaração explícita de amor a sua localidade de origem, também apontam para o nativismo do poema, aspecto que caracteriza toda e qualquer literatura que busca uma identidade própria.

O poema realiza uma junção bastante perspicaz entre o que seria considerado blasfêmia no século XVII pelo tribunal da Inquisição – a última estrofe sugere que Deus também poderia estar incluído entre os bêbados, já que toma vinho, o que se estenderia à toda a congregação de padres católicos que na celebração da missa também o fazem – e a afirmação da cristandade do eu-poético, que, em seu diálogo com Deus, reconhece sua legítima existência, ao mesmo tempo que faz a evocação de diversas bebidas alcoólicas e de diversas localidades da Europa, demonstrando intimidade com aquela cultura e, por consequência, com o continente que levou o cristianismo para a Índia. Assim, por meio uma ironia blasfêmica – “Oh! Deus! que satisfação / para uma alma de Cristo!” –, o poema afirma de forma peremptória a identidade cristã do eu lírico.

Em termos socioculturais, o poema aborda um tema que será bastante debatido no futuro daquela colônia e mesmo no período pós-colonial. Esses versos foram publicados em 1862 e, um pouco mais que meio século depois, em 1929, nas atas do *Congresso Privincial da Índia Portuguesa: subsídios para sua história* (1929, p. 26-48), o alcoolismo é um dos temas que preocupam a comunidade goesa. Cinco debatedores tratam do tema,⁶ com a participação de outros membros do congresso, e

chegam a elaborar uma moção para ser encaminhada ao governo, propondo um rigoroso controle da venda de álcool.

Entre os argumentos dos malefícios causados à saúde e à sociedade, entende-se que o álcool é uma das formas de dominação do Ocidente sobre o Oriente. Esse aspecto será acentuado alguns anos depois, quando, durante a Guerra da Vietnã, os *hippies* começam a chegar em Goa, em busca de experiência espiritual e de drogas – cenário bem retratado no romance *Preia-Mar* (2016), de Epitácio Pais, obra provavelmente escrita na década de 1970 e publicada somente após a morte do autor. No final de década de 1980, é a vez do Goa *trance* e do surgimento das *raves* nas praias de Goa e o problema cresce significativamente.

O poeta R. V. Pandit, no poema intitulado “Dente de vinho?”⁷ publicado em *The Herald*, em 12 de dezembro de 1968 e traduzido do concani, assim diz:

Em Goa
Algumas crianças
Aprendem a beber
Antes de nascer dentes.

E depois...
Quando nascem dentes de
Sizo....

Esses dentes
São de sizo alcoólico
Que trituram
A eles próprios...

Portanto, o tema do álcool, tratado anonimamente de forma bastante suave em 1862, vai fazer história e ganhar uma expressão significativa na história social goesa, primeiramente ligado ao cristianismo e depois à ocidentalização de Goa.

É necessário reconstituir esse contexto mais vasto em que se moveu a literatura goesa de língua portuguesa para ler esses textos a partir de seus sentidos específicos, sem reduzi-los a simples cópias do que se fazia na Europa. É esse solo que é necessário desvendar e explorar de forma atenta e crítica, sem fazer apanágio da colonização portuguesa; pelo contrário, evidenciando tudo aquilo que forjou o colonizador para o seu domínio, mas também buscando o valor estético e ético daquelas obras que, em contexto tão precário para a constituição de um meio literário em português, conseguiram se afirmar com qualidade.

⁶ “O alcoolismo na Índia”, por Francisco Correia Afonso; “A repressão do alcoolismo”, por Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes; “Campanha contra o alcoolismo”, por Bascota M. S. Borcar; “O alcoolismo (causas e remédios)”, por Nogar Prudente Lourenço; “A redução do alcoolismo em Goa”, por Sólon de Quadros.

⁷ Poema recolhido e cedido pelo professor Paul Melo e Castro, da University of Leeds.

Já provamos sua existência e seu sabor, mas falta nos embebedarmos da literatura goesa de língua portuguesa para saber como acordaremos na manhã seguinte.

Relação de poetas goeses de língua portuguesa aqui mencionados

1. Accácio Gabriel Viegas
2. Adeodato Barreto
3. Adolfo Sinval da Costa
4. Alberto Barros de Sá
5. Alberto Meneses Rodrigues
6. Alberto de Spínola
7. Aleixo Jerônimo do Rosário Bragança
8. Alfredo Bragança
9. Alfredo Lobato de Faria
10. Ananta Rau Sar Dessai
11. Antônio José de Gouveia e Noronha
12. Antônio Maria Bittencourt Rodrigues
13. Augusto do Rosário Rodrigues
14. Cândida Vaz de Aires de Magalhães
15. Carlos Eugênio João Fillipe Ferreira
16. Carmo Vaz
17. Cipriano da Cunha Gomes
18. Cirano Valles
19. Clara de Meneses
20. Constâncio Fernandes
21. Cosme Januário Lobo
22. Cristovão Aires
23. Cristovão Pinto
24. Domingos José Soares Rebelo
25. Edmundo Cardoso
26. Eucaristino Mendonça
27. Felício de Saldanha
28. Fernanda de Castro
29. Fernando Augusto da Costa Leal
30. Floriano Barreto
31. Floriano Pinto
32. Guilherme Joaquim Moniz Barreto
33. Hipólito de Menezes Rodrigues
34. Jasso Pereira
35. J. C. Francis
36. Jesus Heráclito Gomes
37. Jorge Romualdo Sousa
38. José Francisco Vás
39. José Joaquim Fragoso
40. João Filipe da Piedade Soares
41. Joaquim da Silva
42. Joaquim de Araújo Mascarenhas
43. Joaquim Felipe Nery Soares Rebelo
44. Joaquim Mourão Garcez Palha
45. Joaquim Pegado Cardoso
46. Joaquim Vitorino Barreto Miranda
47. José Francisco Barreto Miranda
48. José Joaquim Fragoso
49. José Joaquim de Carvalho
50. Joseph de Barros
51. Joseph Furtado
52. Judit Beatriz Lobo de Sousa
53. Juliana Monteiro Cordeiro
54. Julio Francisco Adeodato Barreto
55. Júlio Gonçalves
56. Laxmanrao Sardessai
57. Leandro Xavier Pereira
58. Leopoldo Francisco da Costa
59. Leopoldo Meneses
60. Leopoldo Dias
61. Lino Abreu
62. Luís José de Sousa e Brito
63. Luís de Meneses
64. Manuel Joaquim da Costa Campos
65. Manuel Salvador Sanches Fernandes
66. Maria da Piedade de Salvador Fernandes Rego
67. Maria Elsa da Rocha
68. Mariano Gracias
69. Mário da Silva Coelho
70. Mário do Carmo Vaz
71. Mário Ventura Pereira
72. Mateus de Lacerda
73. Miguel Vicente de Abreu
74. Nascimento Mendonça
75. Orlando da Costa
76. Paulino Dias
77. Pedro Antônio de Sousa
78. R. V. Pandit
79. Romígio Botelho
80. Roque Bernardo Barreto Miranda
81. Sostenes Cota Carvalho
82. Telo de Mascarenhas
83. Tomás de Aquino Mourão Garcez Palha
84. Ventura Pereira
85. Vimala Devi
86. Xavierito Coelho

Referências

- ANÔNIMO. Os desejos de um bêbado. *Tirocinio Litterario*, n. 11, p. 86-87, Goa, abr. 1862.
- COSTA, Aleixo Manuel da. *Dicionário de Literatura Goesa*. Macau: Instituto Cultural de Macau, Fundação Oriente, 1996. 4 v.
- CUNHA, Vicente de Bragança. *Literatura indo-portuguesa – figuras e factos*. Goa: edição do autor, 1926.
- CUNHA, Antônio Maria da. *Congresso Privincial da Índia Portuguesa: Subsídios para sua História*. Nova Goa: Casa Lusofrancesa, 1929. p. 26-48.
- DEVI, Vimala; SEABRA, Manuel de (Org.). *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1971. 2 v.

DIAS, Filinto Cristo. *Esboço da história da literatura indo-portuguesa*. Bastorá, Goa: Tipografia Rangel, 1963.

GARMES, Hélder. *A convenção formadora: uma contribuição para a história do periodismo literário nas colônias portuguesas*. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 1999. 2 v.

GRACIAS, José António Ismael. *A imprensa em Goa nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1880.

LOBO, Sandra Ataíde. *O desassossego goês: cultura e política em Goa do liberalismo ao acto colonial*. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

MIRANDA, Eufemânio de Jesus. *A pena oriental – literatura indo-portuguesa dos séculos XIX e XX: contexto sócio-histórico*. Tese (Doutorado) – Goa University, 1995.

MIRANDA, J. C. Barreto de. Duas Palavras sobre o Progresso Litterario em Gôa. *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil* (Lisboa, Typ. do Futuro), n. 11, p. 583-593, 1864.

PAIS, Eptácio. *Preia-Mar*. Ed. por Paul Melo e Castro e Hélder Garmes. Saligão, Goa: Goa 1556/Golden Heart Imporium, 2016.

PANDIT, R. V. Dente de vinho? *The Herald*, p. 2, 12 dez. 1968.

PASSOS, Joana. *Literatura goesa em português nos séculos XIX e XX*. V. N. de Famelicão: Humus, Universidade do Minho, 2012.

PINTO, Rochelle. *Between empires – prints and politics in Goa*. New Delhi: Oxford University Press, 2007.

SARDO, Susana Bela Soares. *O mandó: caracterização de uma forma musical goesa no seu contexto sociocultural e musical*. Lisboa: [S.n.], 1990.

SEABRA, Manuel de. *Goa, Damão e Diu*. Amadora: Livraria Bertran [1962].

Recebido: 23 de março de 2016

Aprovado: 25 de maio de 2016

Contato: Helder@usp.br